

AS VERDADES DA RAZÃO E AS VERDADES DA FÉ EM TOMÁS DE AQUINO

The truths of faith and the truths of reason in Tomas Aquinas

José da Cruz Lopes Marques
UFC

Resumo: O presente artigo pretende analisar a tentativa de harmonização entre fé e razão, entre teologia e filosofia empreendida por Tomás de Aquino na introdução da *Summa contra gentiles*. Para tanto, será trabalhada a distinção tomista entre as verdades da fé (*veritas fidei*) e as verdades da razão (*veritas rationis*), mostrando como, ao mesmo tempo em que a fé suplementa o conhecimento de Deus ao descortinar as verdades suprarracionais, a razão, por sua, introduz as verdades que também são cridas pela fé.

Palavras-chave: Conhecimento de Deus; Verdade; Fé; Razão; Transcendência.

Abstract: The present article intends to analyze the attempt of harmonization between faith and reason, theology and philosophy undertaken by Thomas Aquinas in the introduction of *Summa contra Gentiles*. To this end, the Thomist distinction between truths of faith (*veritas fidei*) and truths of reason (*veritas rationis*) will be worked out, showing how at the same time that faith supplements the knowledge of God in unfolding supra-rational truths, the reason, by his own, introduces the truths that are also believed by faith.

Keywords: Knowledge of God; Faith; Reason; Transcendence.

Considerações iniciais

Já no segundo século da era cristã, o teólogo latino Tertuliano de Cartago, em seu dito emblemático “*credo quia absurdum*” (“Creio porque é absurdo”), assinalava a clara impossibilidade de um relacionamento entre fé e razão, entre teologia e filosofia. No seu entender, o saber filosófico servia muito mais para distorcer as verdades da fé do que para defendê-las ou confirmá-las. Curiosamente, o entendimento do Pensador de Cartago não foi unanimidade, nem mesmo no contexto patrístico. Passando por nomes como Justino, o Mártir, Orígenes e Clemente de Alexandria, o relacionamento entre fé e razão alcançaria o seu auge entre os Pais da Igreja no pensamento de Agostinho, como expresso em seu famoso dito “*Crer para compreender e compreender para crer*” (“*intelligere ut credam et credere ut intelligam*”)

Durante a escolástica, com o predomínio da teologia cristã, a possibilidade de um relacionamento entre fé e razão, continuou a ocupar o centro das discussões filosóficas. Nomes como Scoto Erígena, Abelardo, Anselmo, Alberto Magno, São Boaventura e Duns Scoto, cada um à sua maneira, contribuíram para colocar a filosofia a serviço da fé cristã. Neste contexto, como se sabe, a reflexão filosófica não é vista como um obstáculo ou negação da fé, mas como um recurso valioso que antecede a compreensão ou suplementa as verdades reveladas.

Não resta dúvida que o pensamento tomista representará uma das mais bem elaboradas sínteses entre teologia e filosofia do período escolástico. De fato, valendo-se, sobretudo, do pensamento aristotélico, Tomás de Aquino acentuará o valor da razão para a compreensão das verdades da fé. Não há para o Teólogo dominicano nenhum inconveniente no fato de a filosofia ser convocada para servir a teologia, pois ambas não buscam outra coisa que não a verdade, verdade que encontra seu fundamento último em Deus. Fé e razão, por conseguinte, embora possuam domínios distintos trabalham em parceria na descoberta das verdades divinas.

Como afirmado acima, a possibilidade de um relacionamento entre fé e razão foi predominante durante a escolástica. No entanto, o lugar preciso da especulação racional, se anterior ou posterior à fé, foi um ponto no qual as opiniões dos principais filósofos divergiram consideravelmente. Cerca de dois séculos antes de Tomás de Aquino, em seu *Proslogium*, Anselmo afirmara a necessidade de a razão ser colocada posterior à fé. Seria preciso crer para depois compreender (*credo ut intelligam*) ou, como título original da obra expressava a fé precisava buscar o apoio da razão (*fides quaerens intellectum*). O pensamento tomista seguirá um percurso oposto àquele seguido pelo Teólogo da Cantuária, privilegiando o *intelligere ut credam* (compreender para crer) no qual a filosofia é reconhecida como uma espécie de preâmbulo à fé cristã (*preambula fidei*).

Consideraremos, portanto, neste breve artigo, o problema do relacionamento entre fé e razão no pensamento tomasiano, mostrando como os dois domínios unem-se na descoberta da verdade, sobretudo, o modo como a razão esclarece certos

mistérios da fé. Reconhecemos que a expressão máxima da harmonização tomista entre fé e razão é o estabelecimento de provas racionais para a existência de Deus, como se vê nas célebres Cinco vias encontradas tanto na *Suma contra os Gentios* quanto na *Suma teológica*. Tal tópico, contudo, não será aqui abordado. Ademais, não analisaremos a clássica refutação do argumento ontológico levado a cabo por São Tomás nas obras supramencionadas. A título de delimitação, consideraremos, no presente trabalho, exclusivamente o relacionamento entre fé e razão conforme apresentado, sobretudo, nos primeiros capítulos da *Suma contra os gentios*.

1. Dois tipos de verdades sobre Deus

A fé e a razão (*fides et ratio*) constituem como que as duas asas pelas quais o espírito humano se eleva para a contemplação da verdade. Foi Deus quem colocou no coração do homem o desejo de conhecer a verdade e, em última análise, de conhecer a Ele, para que, conhecendo-O e amando-O, possa chegar também à verdade plena sobre si próprio (JOÃO PAULO II, *Encíclica Fides et ratio*).

Na introdução da *Suma contra os Gentios*, Tomás de Aquino deixa claro que, embora existam verdades acerca de Deus que transcendam à compreensão humana, como a Trindade e a encarnação, há outras, a exemplo da existência e da unidade divinas que podem ser explicadas e compreendidas pelo esforço racional. Estas últimas verdades, afirma o Doutor angélico, “os próprios filósofos as provaram por via demonstrativa, guiados que eram pelo lume da razão natural”¹. Uma vez que existem verdades acerca de Deus que podem ser descobertas pelo exercício racional, São Tomás não hesitará em buscar uma harmonização entre fé e razão. De fato, no pensamento tomista, as chamadas verdades da razão (*veritas rationis*) são também cridas pela fé, as verdades da fé (*veritas fidei*), por sua vez, embora ultrapassem a razão não a contrariam, posto que os dois veículos procedem de uma única e mesma fonte: a sabedoria divina. Se a fé suplementa a razão ao oferecer, por meio da revelação, o conhecimento das verdades que lhe transcendem, esta mesma razão tem

¹ AQUINO, Tomás de. *Suma contra os gentios*. Trad. de Odilão Moura. Porto Alegre: EST/SULINA/UCS, 1990. v. 1, p. 23.

as suas verdades primeiramente cridas pela fé. De certa forma, ambas as verdades são objeto de fé, a diferença é que, enquanto há aquelas que são também acessíveis à razão, há outras que transcendem completamente o esforço racional. Neste ponto, vê-se muito claramente, o papel da fé em relação à razão. De algum modo, a fé segue lado a lado o percurso da razão, mas lhe suplementa quando esta depara-se com seus limites. Segundo o parecer de Reale e Antiseri, “a fé melhora a razão assim como a teologia melhora a filosofia. A graça não suplanta, mas aperfeiçoa a natureza”². Esse entendimento é ratificado por Étienne Gilson o qual afirma que, em Tomás de Aquino, “a fé confere ao conhecimento racional sua perfeição e sua realização”³.

Pode-se dizer, não obstante, que a colaboração entre fé e razão em Tomás de Aquino é recíproca. De certo modo, a fé presta um serviço à razão, mas a razão também apresenta importantes contribuições para fé. Se é verdade que a teologia suplementa a filosofia, assim como a fé aperfeiçoa a razão, fica claro que o ponto de partida de São Tomás é sempre o conhecimento racional. Com base no princípio de que devemos partir de verdades racionais porque a razão é aquilo que une todos os homens, a conclusão tomasiana é que a filosofia é uma espécie de *preambulum fidei* (introdução à fé). Nos termos do Doutor angélico, “no que concerne ao conhecimento da verdade da fé – verdade que só conhecem à perfeição os que conhecem a substância divina –, a razão humana se comporta de tal maneira que é capaz de recolher a seu favor certas verossimilhanças”⁴. De fato, o serviço prestado pela razão em relação à fé, da filosofia para com a teologia, é duplo. Conformem esclarecem Philoteus Boehner e Étienne Gilson,

A teologia se vê amplamente compensada pelos serviços prestados à filosofia. Antes de mais nada, a filosofia assegura os fundamentos da fé, e a

² REALE, Giovanni ; ANTISERI, Dario. *História da filosofia: Patrística e Escolástica*. São Paulo: Paulus, 2003. v. 2, p. 213.

³ GILSON, Etienne. *Le thomisme: Introduction au système de Saint Thomas d'Aquin*. Paris: Librairie Philosophique J. Vrin, 1922. p. 27.

⁴ AQUINO, Tomás de, *op. cit.* p. 31.

defende contra toda sorte de ataques. Além disso, ela patenteia a racionalidade da fé e prova certos artigos da fé acessíveis a ela⁵.

A parceria harmoniosa entre fé e razão, entre teologia e filosofia não significa que São Tomás confunda os dois domínios. Pelo contrário, é exatamente no pensamento do monge dominicano que a distinção entre fé e razão se faz mais clara. Cada uma tem o seu próprio domínio. Na explicação de Vergez e Huisman “à razão pertencem toda verdade conhecida com evidência intrínseca, por experiência ou por demonstração; e só à fé toda verdade conhecida sem evidência intrínseca por revelação”⁶. Fé e razão são, para São Tomás, duas formas diferentes de se conhecer, como podemos observar no trecho seguinte: “Cumpre saber que há dois gêneros de ciências. Uma partem de princípios conhecidos pela luz natural do intelecto, como a Aritmética, Geometria e semelhantes. Outras provêm de princípios conhecidos por ciência superior, como a Teologia”⁷. Diferente do pensamento agostiniano, no qual a filosofia parece servir simplesmente para confirmar as verdades da fé cristã, no pensamento tomasiano ela parece adquirir mais autonomia. Sua validade não se deve ao fato de ela ser cristã, mas de ser verdadeira. Ainda assim, o estatuto da teologia e da fé continua sendo mais elevado que o estatuto da filosofia e da razão, posto que o critério de julgamento diante das aparentes contradições entre os dois domínios é conferido ao julgamento da teologia e da fé. Além disso, à fé pertencem tanto as verdades da razão quanto aquelas que lhe transcendem. Vejamos agora, seguindo o esquema traçado por São Tomás na introdução da *Suma contra os gentios*, porque tanto as verdades acessíveis à razão quanto às inacessíveis à razão devem ser postas como objeto de fé.

2. As verdades acessíveis à razão são colocadas como objeto de fé

⁵ BOEHNER, Philotheus; GILSON, Etienne. *História da filosofia cristã: desde as origens até Nicolau de Cusa*. 2ª ed. Trad. de Raimundo Vier. 8ª ed. Petrópolis: Vozes, 2003. p. 451.

⁶ VERGEZ, André; HUISMANN, Denis. *História dos filósofos ilustrada pelos textos*. 5. ed. Rio de Janeiro: Freitas Bastos, 1982. p. 107.

⁷ AQUINO, Tomás de, *op. cit.* p. 22.

Ademais, o conhecimento das coisas naturais é de grande utilidade para a teologia, porquanto elas nos anunciam a sabedoria de Deus e nos concitam à admiração, à reverência e ao amor de Deus – o texto não é itálico é normal (AQUINO, Tomás de, *Suma contra os gentios*).

A parceria tomista entre fé e razão é vista, sobretudo, no fato de que existem determinadas verdades que, mesmo sendo entendidas de forma racional, não estão divorciadas do exercício da fé. De alguma forma, a fé está ligada ao conhecimento racional. Mesmo aquelas verdades que parecem situar-se no âmbito exclusivamente racional não podem descartar o trabalho da fé. Segundo a tese defendida pelo Doutor angélico na *Súmula contra os gentios*, “uma vez que em Deus há duas espécies de verdades, algumas das quais são acessíveis à nossa inteligência e outras ultrapassam completamente a nossa capacidade, é justo que Deus proponha como objetos de fé tanto umas como outras”⁸. Em princípio, pareceria estranho ou mesmo desnecessário que Deus tenha proposto como objeto de fé verdades que já serão acessíveis ao homem por meio da razão natural. O entendimento do Teólogo dominicano é que Deus não poderia deixar à mercê unicamente do frágil conhecimento racional nenhuma verdade concernente à sua pessoa. Caso isso ocorresse, teríamos, na expressão tomista, três grandes inconvenientes (*tria inconvenientia*)⁹.

O primeiro inconveniente (*primum inconveniens*), segundo o Teólogo dominicano, é que poucas pessoas desfrutariam do conhecimento de Deus. Tal conhecimento, dada a sua profundidade, exige uma busca incansável e disciplina, fato que excluiria a maior parte dos homens. Seja por conta da disposição natural defeituosa, dos cuidados em virtude do sustento da família e até mesmo por conta da preguiça, a grande parte das pessoas não poderiam desfrutar deste conhecimento. Ao modo tomasiano, “não se pode chegar – senão com grande esforço especulativo – à

⁸ AQUINO, Tomás de, *op. cit.* p. 24.

⁹ Segundo Philotheus Boehner e Étienne Gilson (2003, p. 452) os inconvenientes apontados por São Tomás aludem às cinco razões já pontadas por Moisés Maimônides: 1) Porque o conhecimento de tais verdades é muito laborioso, devido à sua profundidade, dificuldade e caráter abstrato, 2) porque na juventude o intelecto não se encontra suficientemente desenvolvido, 3) porque a demonstração destas verdades pressupõe muitos conhecimentos que o homem só adquire paulatinamente, 4) porque certas pessoas não têm o talento necessário para os estudos científicos, 5) porque a luta pela existência e o cuidado das coisas externas absorvem maior parte da energia humana.

investigação das verdades supramencionadas. No entanto, poucos desejam dar-se a esse trabalho por amor à ciência, apesar de ter Deus inserido na mente humana o desejo de conhecer aquelas verdades¹⁰. Não há dúvida que a razão foi dada a todos os homens para lhe conduzir na busca da verdade, no entanto, nem todos os homens a empregam do modo adequado. Além disso, levando-se em conta o *primus inconveniens* apontado por Aquino, a razão não foi dada a todos os homens em igual medida ou, pelo menos, há algo em sua gênese que compromete o seu pleno funcionamento. Neste sentido, a fé parece suprir o conhecimento que a razão também está em condições de proporcionar, mas não o faz porque a criatura racional a conduz de modo inadequado.

O segundo inconveniente (*secundum inconveniens*) decorre do primeiro. Se Deus não propusesse como objeto de fé determinadas verdades acessíveis à razão, os homens só conquistariam este conhecimento depois de muito tempo e esforço. E por que seria necessário tanto tempo e esforço da parte dos homens considerando que cada um foi dotado por Deus da razão natural? São Tomás responde afirmando que isto “é devido à profundidade desta verdade, profundidade que só se consegue compreender pela simples razão natural, mediante um longo aprendizado¹¹. Ademais, o domínio de verdades tão sublimes exigiria inúmeros conhecimentos de disciplinas preliminares, o que nem sempre é possível ao homem, sobretudo, na sua juventude. Neste período, em geral, os homens não possuem disposição para se aplicarem ao conhecimento de verdades tão profundas. Assim, se Deus não as propusesse como objeto de fé, afirma o Doutor angélico, o gênero humano permaneceria envolto nas trevas mais profundas da ignorância. É digno de nota o pensamento tomista segundo o qual a fé é uma espécie de antídoto para as trevas da ignorância. De fato, em Aquino a fé é muito mais do que uma disposição volitiva, ela é verdadeiro mecanismo de conhecimento. Obviamente, em nosso contexto, em que a razão de modo autônomo parece ter assumido essa função, inclusive contra a própria fé, o pensamento tomista soaria estranho, contudo, no contexto escolástico, ele era completamente plausível.

¹⁰ AQUINO, Tomás de, *op. cit.* p. 24.

¹¹ *Ibid.*, p. 25.

O último inconveniente (*tertium inconueniens*) diz respeito à falibilidade e inutilidade das pesquisas empreendidas pela razão humana. De fato, afirma o Doutor angélicos, “as pesquisas da razão humanas estariam, na maioria dos casos, eivadas de erros, em razão da fraqueza conatural da nossa inteligência, em razão também da mistura das imagens”¹². Muitos, de fato, por não dominarem as regras da demonstração, não seriam capazes de discernir entre a veracidade e a falsidade. Esse pressuposto de Aquino é amplamente fundamentado na sua teologia cristã, sobretudo, na doutrina da criação. Segundo essa ideia, Deus criou o homem a fim de que ele possa conhecê-lo. Para isso, colocou certas verdades sobre a sua pessoa acessíveis à razão, mas como sabe que nem todos estarão em condições de acessar estas verdades pela via racional, fez também com estas mesmas verdades fossem apreendidas mediante a fé.

3. As verdades inacessíveis à razão são colocadas como objeto de fé

A alma julga todas as coisas, não segundo qualquer verdade, mas segundo a verdade primeira, enquanto esta nela se reflete, como num espelho, por meio dos inteligíveis primeiros. Donde se segue que a verdade primeira é maior que a alma. Mas é verdade que nada de subsistente é maior que a mente racional, exceto Deus (AQUINO, Tomás de, *Suma teológica*).

Embora existam verdades acerca de Deus que são apreendidas tanto pela razão quanto pela fé, como vimos acima, existem outras verdades que transcendem completamente os limites cognitivos da razão. Se, por um lado, é verdade que a razão está em condições de descortinar certos mistérios da fé, por outro, há mistérios acerca de Deus que lhe são completamente inacessíveis. Tais verdades devem ser postas exclusivamente como objeto de fé. Na verdade, esta segunda premissa tomasiana é uma consequência lógica da primeira. Se até mesmo as verdades que podem ser desveladas racionalmente são também esclarecidas pela fé, muito mais aquelas que

¹² AQUINO, Tomás de, *loc. cit.*

são consideradas suprarracionais. Para defender esta tese, o Pensador dominicano lança mão de quatro argumentos.

Antes de tudo, São Tomás argumenta com base na providência infinita de Deus em criar o homem para desfrutar da felicidade eterna. Está felicidade é superior àquilo que a razão é capaz de conceber, por isso, sua compreensão requer um mecanismo mais elevado. Esta noção lembra a definição de fé apresentada por São Tomás no *Compêndio de teologia*. De fato, nesta obra, a fé é apresentada como “uma certa prelibação daquele conhecimento que nos fará bem-aventurados no futuro”¹³. Dito isto, vejamos o argumento conforme aparece na *Suma contra os gentios*:

Ora, uma vez que a providência divina – como veremos mais adiante, destina os homens a uma felicidade bem maior do que aquela que a fraqueza humana pode experimentar no decurso da vida presente, era necessário que o espírito humano fosse atraído a um nível mais elevado do que aquele que a nossa razão pode alcançar na terra, a fim de que aprenda o que deve desejar e se empenhe em buscar aquilo que supera totalmente o estado da vida presente¹⁴.

O segundo argumento tomista baseia-se na própria condição limitada do homem. Deus precisa propor-lhe como objeto de fé as coisas que ultrapassam a razão para que o ser humano possa desfrutar de um conhecimento mais verdadeiro acerca de Deus. Uma vez que o conhecimento de Deus ultrapassa todo e qualquer conhecimento natural, é necessário que Deus haja desta forma. Numa ilustração tomada da *Metafísica* de Aristóteles, no que diz respeito às coisas celestes, a inteligência humana se comporta tal qual um morcego que tenta contemplar o sol. A sublimidade e grandeza da verdade ofusca a razão humana, carecendo o homem de outro veículo para acessar as verdades divinas. O fato de Deus colocar como objeto da razão verdades que também são apreendidas pela fé, não significa que a razão humana é capaz de desvelar todo o conhecimento acerca de Deus. No sentido estrito

¹³ AQUINO, Tomás de. *Compêndio de teologia*. Trad. de Odilão Moura. Rio de Janeiro, 1977. p. 13.

¹⁴ AQUINO, Tomás de, *loc. cit.*

do termo, “só podemos dizer que conhecemos verdadeiramente a Deus se o conhecemos como alguém que está acima de tudo o que o homem possa conceber”¹⁵.

O terceiro argumento tem como base a precaução contra aquilo que São Tomás denomina presunção humana. Para ele, o homem é presunçoso e tem a tendência de querer medir toda a natureza por meio da sua suposta inteligência. Desta forma, “a fim de que o espírito humano, liberto de tal presunção, pudesse conquistar a verdade com modéstia, era necessário que Deus propusesse à sua inteligência certas verdades totalmente inacessíveis à sua razão”¹⁶. Enfim, no que concernem às verdades divinas, os limites da razão parecem indicar a necessidade de o homem conservar uma atitude humilde diante da grandeza do mistério. Qualquer atitude presunçosa neste sentido é não apenas uma abertura para o erro, mas um desvirtuamento da própria finalidade e natureza da razão, que deve sim buscar entender aquilo que de Deus se pode conhecer, mas calar-se diante daquilo que transcende os seus limites.

Por fim, Deus propôs como objeto de fé as verdades inacessíveis à razão para prevenir o homem de sua tendência ao ceticismo. Como estas verdades são, por definição suprarracionais, pela via exclusiva da razão, o homem é tendencioso a descartá-las ou mesmo considerar o seu estudo completamente inútil. Neste argumento, Aquino alude o exemplo de Simônides citado por Aristóteles na *Ética a Nicômaco*, o qual costumava dizer que “ao homem bastava conhecer as coisas humanas”. A objeção feita por Aristóteles é igualmente endossada pelo Doutor angélico: “O homem deve, na medida do possível, elevar-se às coisas imortais e divinas”¹⁷. De fato, ainda que seja imperfeito, o conhecimento de verdades tão nobres confere à alma um alto grau de perfeição. Vistas do modo correto, as verdades que são objeto exclusivamente da fé servem à própria razão. De algum modo, a razão também haure sua perfeição ao recebê-las. Neste ponto, o Aquinate parece indicar que a razão verdadeiramente sábia não é aquela que se apresenta de modo cético diante da

¹⁵ *Ibid.*, p. 26.

¹⁶ AQUINO, Tomás de, *loc. cit.*

¹⁷ ARISTÓTELES *apud* AQUINO, Tomás de, *op. cit.* p. 26.

sublimidade das verdades da fé, mas aquela que as acata reverentemente e sem ter a pretensão de esvaziar o seu mistério infinito.

Segundo o que se depreende da *Suma contra os gentios*, a elevação das verdades da fé em relação às verdades da razão, além de suas justificativas práticas mencionadas acima, torna-se necessária em face do distanciamento essencial entre Deus e suas criaturas. Primeiramente, é mister reconhecer que o objeto da verdade e do conhecimento, neste caso, é o Deus infinito e absolutamente ilimitado. Por definição, é impossível que o infinito seja apreendido em sua essência, uma vez que, se sua essência fosse captada por completo, Ele se tornaria previsível e, ao tornar-se previsível, Ele se tornaria limitado. Para fundamentar essa noção, Aquino recorre a uma espécie de hierarquia de inteligências. Há, por exemplo, um distanciamento considerável entre a inteligência de um homem rude e a inteligência de um filósofo, não obstante, a diferença que há entre o intelecto deste último e o intelecto de um anjo excede a distância que poderia existir entre o maior filósofo e o mais inculto dos homens, uma vez que, no primeiro caso, a distância cognitiva ainda se encontra na esfera humana, limite que é transposto pelo intelecto angelical. O anjo, nos termos do Pensador dominicano, “conhece a Deus por efeitos mais nobres que os conhecidos pelo homem, pois a substância angélica é mais digna que as coisas sensíveis e até que a própria alma, pela qual o homem se eleva para o conhecimento de Deus”¹⁸. No entanto, se a distância entre o intelecto angelical e o intelecto do filósofo é superior à diferença que há entre o intelecto deste e o intelecto do homem rude, infinitamente maior é a distância existente entre o intelecto divino e o intelecto de qualquer das criaturas. O intelecto divino, esclarece São Tomás, “está adequado à capacidade de sua substância [infinita] e, por esse motivo, tem perfeita intelecção do que é Deus e conhece tudo o que em Deus é inteligível”¹⁹. A rigor, a substância divina não pode ser captada nem mesmo pelo intelecto angelical, do mesmo modo que a inteligência humana, não está em condições de captar a substância angélica.

¹⁸ AQUINO, Tomás de, *op. cit.* p. 23.

¹⁹ *Ibid.*

Em segundo lugar, as verdades da fé devem se elevar em relação às verdades da razão em virtude da própria constituição natural do homem. Expressando sua inclinação ao sensitismo aristotélico, São Tomás entende que a alma não está em condições de elevar-se diretamente a Deus. Como, no estado da vida presente, o conhecimento começa sempre com os sentidos e Deus é, por definição suprassensível, a alma não está em condições de apreender a sua substância. É por esta razão que Tomás de Aquino concluirá que Deus só poderá ser conhecido por meio de seus efeitos nas coisas particulares, conclusão que será expressa nas Cinco vias, argumentos que procuraram estabelecer a existência de Deus partindo de sua criação, isto é, de seus efeitos. De fato, pelos efeitos, a existência de Deus e alguns atributos divinos poderão ser conhecidos, outros, no entanto, excedem completamente à inteligência humana, o que justifica o fato de Deus ter proposto estas verdades como objeto da fé.

4. Da não contradição entre as verdades da fé e as verdades da razão

Tal concordância pode elucidar-se também de maneira puramente filosófica, pela seguinte reflexão. Um mestre não pode comunicar ao discípulo senão o saber que ele próprio já possui. Ora, o conhecimento natural dos princípios deriva de Deus, causa da natureza. Logo, tais princípios estão contidos na sabedoria. Donde se conclui que tudo que contraria tais princípios contradiz a divina sabedoria e, portanto, não pode proceder de Deus. Daí a impossibilidade de qualquer contradição entre a razão e a revelação, ambas oriundas de um e o mesmo Deus (TOMÁS DE AQUINO, *Suma contra os gentios*).

O fato de existirem determinadas verdades que ultrapassam a razão humana e que, portanto, só podem ser compreendidas por meio da fé, não quer necessariamente dizer que haja qualquer contradição entre estes dois tipos de conhecimento. De modo simples, a fé ultrapassa a razão, mas não a contradiz. São Tomás reconhece que a existência de verdades suprarracionais, atingidas somente pela fé pode sugerir uma espécie de contradição entre fé e razão. Por isso, ele principia a sua argumentação neste tópico justamente reafirmando a validade destes dois mecanismos de conhecimento. Nos termos do Pensador dominicano, “É certo que são veríssimos e que foram colocados na razão pela natureza, de modo que nem se pode

cogitar que sejam falsos. Nem tampouco é permitido pensar que seja falso o conteúdo da fé, já que com tanta evidência recebeu a confirmação divina”²⁰. A argumentação tomista, mais uma vez fundamenta-se na doutrina bíblica da criação. A *Imago Dei* no homem é a garantia de que as duas verdades, embora distintas, não entram em contradição. Uma vez que foi um Deus sábio que criou o homem, espera-se que aquilo que ele é capaz de acessar por meio do esforço racional não esteja em contradição com as verdades divinas reveladas pela fé. Os dois domínios, no final das contas, procedem de um mesmo Deus e, por conseguinte, deve existir certa sintonia entre ambos. Por trás desta argumentação há o pressuposto segundo o qual tudo o que procede de Deus é verdadeiro, e isso inclui tanto o conhecimento que pode ser acessado pela razão quanto aquele que depende exclusivamente da fé. Se fosse admitida, por conseguinte, uma real contradição entre esses dois domínios, conforme nos lembra Émile Bréhier, seríamos obrigados a renunciar um princípio universal segundo o qual a verdade não pode ser contrária à própria verdade²¹. Na ilustração tomista acima, Deus não é semelhante a um mestre hipócrita que inculca no espírito de seu discípulo princípios diferentes da ciência que realmente ensina. Ademais, se Deus tivesse infundido em nós conhecimentos autocontraditórios, seríamos impedidos de descobrir a própria verdade. Por conta disso, deve ser admitido que “tudo que a revelação divina nos manda crer, é impossível que contrarie o conhecimento natural”²².

No *De Veritate*, um escrito posterior à *Suma contra os gentios*, São Tomás questiona-se acerca da possibilidade da verdade encontrar-se primariamente na inteligência ou nas coisas. Tendo como pano de fundo a doutrina bíblica da criação *ex nihilo*, o Aquinate é levado a concluir que a verdade não está apenas no intelecto, mas,

²⁰ AQUINO, Tomás de, *op. cit.* p. 28.

²¹ RUSSEL, Bertrand. *História da filosofia ocidental*. São Paulo: Companhia Editora Nacional, 1967. v. 2 p. 134.

²² Neste ponto, São Tomás reforça sua argumentação recorrendo à autoridade de Santo Agostinho, o qual declara em seu *Comentário ao Livro do Gênesis* o seguinte: “O que a verdade torna evidente não pode, de modo nenhum, ser contrário ao conteúdo dos livros do Antigo e Novo Testamentos”.

primariamente, nas coisas²³. Neste ponto é preciso explicitar como Aquino concebe a doutrina da semelhança de Deus. Para ele, “o princípio de semelhança adquiriu a seguinte formulação canônica: *omneagensagitsibi símile*, i.e., ‘todo agente obra algo semelhante a si’. Tal formulação tem a finalidade de chamar a atenção para a relação de semelhança que há entre *factum* e *facienti*, i.e., entre ‘o que é feito’ e ‘o que faz’”²⁴. De certa forma, a imagem e semelhança de Deus não se encontram apenas no homem, mas, em alguma medida, em toda a criação divina. Se a imagem de Deus está presente em toda a criação, é impossível negar que a verdade também não encontre na natureza disponível à inteligência humana. Uma noção semelhante a essa já é encontrada na *Suma contra os gentios*, conforme se observa no fragmento abaixo:

Para quem reflete torna-se claro que as realidades sensíveis em si mesmas, que fornecem à razão humana a fonte de conhecimento, conservam nelas um certo vestígio de semelhança com Deus, embora se trate de um vestígio tão imperfeito que é incapaz de exprimir a substância de Deus²⁵.

Esta conclusão tomista serve para reafirmar a não contradição entre fé e razão na descoberta das verdades divinas. Como a verdade não está apenas no intelecto, uma determinada coisa que ultrapassa a capacidade inteligível do homem não quer dizer que seja falsa. O fato de não termos entendido racionalmente não quer dizer que não seja verdadeiro. Ela é verdadeira porque nela reside uma imagem da verdade. Em outra passagem São Tomás reforça a ideia da verdade inerente às coisas, dizendo que “o verdadeiro é conversível com o ente. Ora, o ente encontra-se antes de tudo fora da inteligência. Logo, também o verdadeiro se encontra fora da inteligência, ou seja, nas próprias coisas”²⁶. Essa noção de verdade é fundamental não apenas para descartar a possibilidade de uma real contradição entre a inteligência humana e as verdades

²³ Neste ponto, o próprio Tomás de Aquino reconhece o seu desacordo com Aristóteles, resgatando uma citação do livro VI da *Metafísica* no qual o Filósofo grego afirmara que “o verdadeiro e o falso existem só na inteligência” (AQUINO, Tomás de, *Questões disputadas sobre a verdade*, 2004, p. 67).

²⁴ MADUREIRA, Jonas Moreira. *O intelecto e a imaginação no conhecimento de Deus segundo Tomás de Aquino: aristotelismo e neoplatonismo*. São Paulo: USP, 2014, Tese (Doutorado em Filosofia), p. 102.

²⁵ AQUINO, Tomás de, *op. cit.* p. 30.

²⁶ AQUINO, Tomás de, *Questões discutidas sobre a verdade*. In: **Tomás de Aquino**. São Paulo: Nova Cultural, 2004. p. 66.

reveladas pela fé, mas, mais à frente, pavimentará o caminho para os argumentos *a posteriori* para a existência de Deus (As cinco vias). No final das contas, para São Tomás, não pode haver contradição entre a razão e a fé, uma vez que toda verdade tem sua base em Deus que é, no seu entender, a suprema verdade. Há uma verdade universal, da qual as verdades particulares participam. Vejamos o que o próprio Aquino nos diz sobre isto:

Embora as coisas denominadas diferentes não apresentem a mesma conformidade com a inteligência divina, esta é uma só, e é com elas que concordam todas as coisas denominadas verdadeiras. Por conseguinte, permanece de pé que existe uma só verdade (incriada), da qual derivam todas as outras no sentido acima explicado²⁷.

Uma vez que de Deus procedem tanto as verdades da razão (*veritas rationis*) quanto as verdades da fé (*veritas fidei*) e considerando que Deus é infinito em sua sabedoria, não pode haver qualquer contradição entre uma e outra. De fato, uma análise mais cuidadosa dos dois veículos verificar-se-á que fé e razão, longe de estarem em contradição, são aliadas no combate ao erro. Quando se detecta uma aparente contradição entre as afirmações dos filósofos e a fé cristã, segundo São Tomás, isto não deve ser atribuído à filosofia, mas a um mau uso da mesma devido a alguma falha da razão. Desse modo, qualquer argumento racional contrário à fé cristã não possui para ele qualquer valor demonstrativo e pode ser facilmente refutado. Como a razão humana é fraca, algumas vezes, as *veritas rationis* parecerão contradizer as *veritas fidei*. Neste caso, retomando mais uma vez Émile Bréhier, “podemos estar certos de que esta pretensa verdade de razão não é senão um erro e que a discussão mais profunda revelará o erro”²⁸. Baseado nesta ideia, Aquino assegurará a validade tanto da fé quanto da razão enquanto formas de acesso à verdade divina. A rigor, a aparente contradição entre as verdades reveladas e as verdades racionais seria sanada pela própria razão, desde que esta fosse bem conduzida. Nos termos de Étienne Gilson, “cabe à razão devidamente advertida criticar em seguida a si mesma e encontrar o

²⁷ *Ibid.*, p. 82.

²⁸ BREHIER, Émile. *História da filosofia*. São Paulo: Mestre Jou, 1977 e 1978, tomo I, v. 3, p. 135.

ponto em que se produziu seu erro”²⁹. A esta altura, vale mencionar o resumo preciso de Bertrand Russel do projeto tomasiano na *Suma contra os gentios*. Nos termos do Pensador britânico, neste texto, “tudo o que é demonstrável está, até certo ponto, de acordo com a fé cristã, e nada da revelação é contrário à razão. Mas é importante separar as partes da fé que podem ser provadas pela razão daquelas que não o podem”³⁰.

Vê-se portanto que, em São Tomás, fé e razão, embora sendo domínios distintos, trabalham de forma harmoniosa na aquisição da verdade. Se há verdades da fé que transcendem os limites da razão, isso não implica a existência de contradição entre ambas. Há também verdades sobre Deus que são acessíveis à especulação racional, isso significa que a razão é sempre o ponto de partida. As verdades exclusivas da fé não são, a rigor, irracionais e sim suprarracionais. Sendo suprarracionais elas são, de certo modo, racionais. Vale lembrar que aquilo que ultrapassa a razão não se constitui necessariamente em uma negação da verdade. Para recorrer a uma ilustração empregada por São Tomás, alguém que considera falsas as verdades da fé por não conseguir compreendê-las pela via racional é semelhante a um idiota que afirma serem falsas as teses de um filósofo pelo fato de não conseguir atingi-las com sua inteligência. À fé cabe, portanto, o reconhecimento de que suas verdades devem seguir, até onde for possível, o percurso racional; à razão, por outro lado, deve ser lembrada sempre que, quando se trata da verdade sobre Deus, o conhecimento que ela pode proporcionar é extremamente limitado.

Considerações finais

Não resta dúvida que a harmonização tomista entre fé e razão, fruto da síntese entre teologia e filosofia apresenta méritos consideráveis. É preciso reconhecer, antes de tudo, o esforço de São Tomás em preservar uma clara distinção entre os dois domínios. Embora se encontrem harmoniosamente, até mesmo nas verdades acerca

²⁹ GILSON, Etienne. *A filosofia na Idade Média*. Trad. de Eduardo Brandão. São Paulo: Martins Fontes, 2001. p. 657.

³⁰ RUSSEL, 1967, p. 164.

de Deus, fé e razão continuam tendo objeto e abrangência distintos. É digno de nota, ademais, o equilíbrio e solidez da proposta tomista. A fé, embora contenha algumas verdades suprarracionais, não se constitui em um impulso irracional, tendo em vista que o seu ponto de partida é sempre a reflexão racional. A razão, por sua vez, embora esteja em condições de descortinar certos mistérios divinos, precisa reconhecer os seus limites no que diz respeito ao conhecimento de Deus e acatar humildemente o auxílio da fé. É preciso salientar, neste sentido, que quando se fala de uma maior autonomia da filosofia em relação à teologia em São Tomás, isso não significa que o Teólogo dominicano esteja defendendo uma completa autonomia da razão em relação ao conhecimento. É preciso lembrar que, mesmo as verdades sobre Deus que a razão está em condições de manifestar, são também confirmadas pela fé. Noutros termos, a razão tem autonomia porque as suas verdades procedem da mesma fonte divina, mas elas devem sempre ser confirmadas pela revelação. Como *preambula fidei*, a razão é autônoma naquilo que concorda com a fé, por isso, o filósofo deve estar atento para o mau uso que pode ser feito da faculdade racional e da própria filosofia.

Não há dúvida, entretanto, que a síntese tomista está aberta a críticas, sobretudo, da parte de pensadores modernos e contemporâneos. Por um lado, há aqueles que rechaçam o entendimento da filosofia como *preambula fidei*, por considerar nisto uma espécie de primazia da razão em relação à revelação, da natureza sobre a graça e, conseqüentemente, a origem de toda sorte de racionalismos reducionistas. À luz deste mesmo ponto de vista, a noção defendida por São Tomás segundo a qual as verdades da razão não poderiam contrariar as verdades da fé poderia ser questionada. Levando-se em conta a doutrina bíblica da Queda, bem como os efeitos noéticos do pecado, seria plenamente possível a existência de contradições entre estas duas instâncias. A contradição não residiria, é claro, na fonte das verdades, mas tanto naquele que apreende as verdades quanto nos instrumentos utilizados na busca. Por outro lado, pode-se questionar que, embora haja no pensamento tomasiano uma distinção entre teologia e filosofia, esta ainda continua limitada por aquela. Não há como negar que a filosofia permanece como serva da teologia, fato

que, automaticamente, limita a sua autonomia. Ademais, a noção de fé como instrumento de conhecimento sustentada pelo Doutor angélico tem sido bastante questionada na contemporaneidade, sobretudo, a partir das conclusões do positivismo lógico, para o qual os enunciados metafísicos são completamente desprovidos de sentido.

Referências

AQUINO, Tomás de. *Compêndio de teologia*. Trad. de Odilão Moura. Rio de Janeiro, 1977.

_____. *Questões discutidas sobre a verdade*. In: **Tomás de Aquino**. São Paulo: Nova Cultural, 2004 (Coleção Os Pensadores).

AQUINO, Tomás de. *Suma contra os gentios*. Trad. de Odilão Moura. Porto Alegre: EST/SULINA/UCS, 1990. v. 1.

_____. *Suma teológica*. 2. ed. Trad. de Alexandre Correia. Porto Alegre: Escola Superior de Teologia São Lourenço: Livraria Sulina Editora, 1980.

BOEHNER, Philotheus; GILSON, Etienne. *História da filosofia cristã: desde as origens até Nicolau de Cusa*. 2ª ed. Trad. de Raimundo Vier. 8. ed. Petrópolis: Vozes, 2003. 8ª ed. Petrópolis: Vozes, 2003.

BRÉHIER, Émile. *História da filosofia*. São Paulo: Mestre Jou, 1977 e 1978, tomo I, v. 3.

GILSON, Etienne. *A filosofia na Idade Média*. Trad. de Eduardo Brandão São Paulo: Martins Fontes, 2001.

_____. *Le thomisme: introduction au système de Saint Thomas d'Aquin*. Paris: Librairie Philosophique J. Vrin, 1922.

MADUREIRA, Jonas Moreira. *O intelecto e a imaginação no conhecimento de Deus segundo Tomás de Aquino: aristotelismo e neoplatonismo*. São Paulo: USP, 2014. 135 p. Tese (Doutorado em Filosofia).

REALE, Giovanni ; ANTISERI, Dario. *História da Filosofia: Patrística e escolástica*. São Paulo: Paulus, 2003. v. 2.

RUSSEL, Bertrand. *História da filosofia ocidental*. São Paulo: Companhia Editora Nacional, 1967. v. 2.

VERGEZ, André; HUISMANN, Denis. *História dos filósofos ilustrada pelos textos*. 5. ed. Rio de Janeiro: Freitas Bastos, 1982.

Mestre em Filosofia (UFC)
Doutorando em Filosofia (UFC)
E-mail: markvani18@yahoo.com.br